

daniel buren

galeria

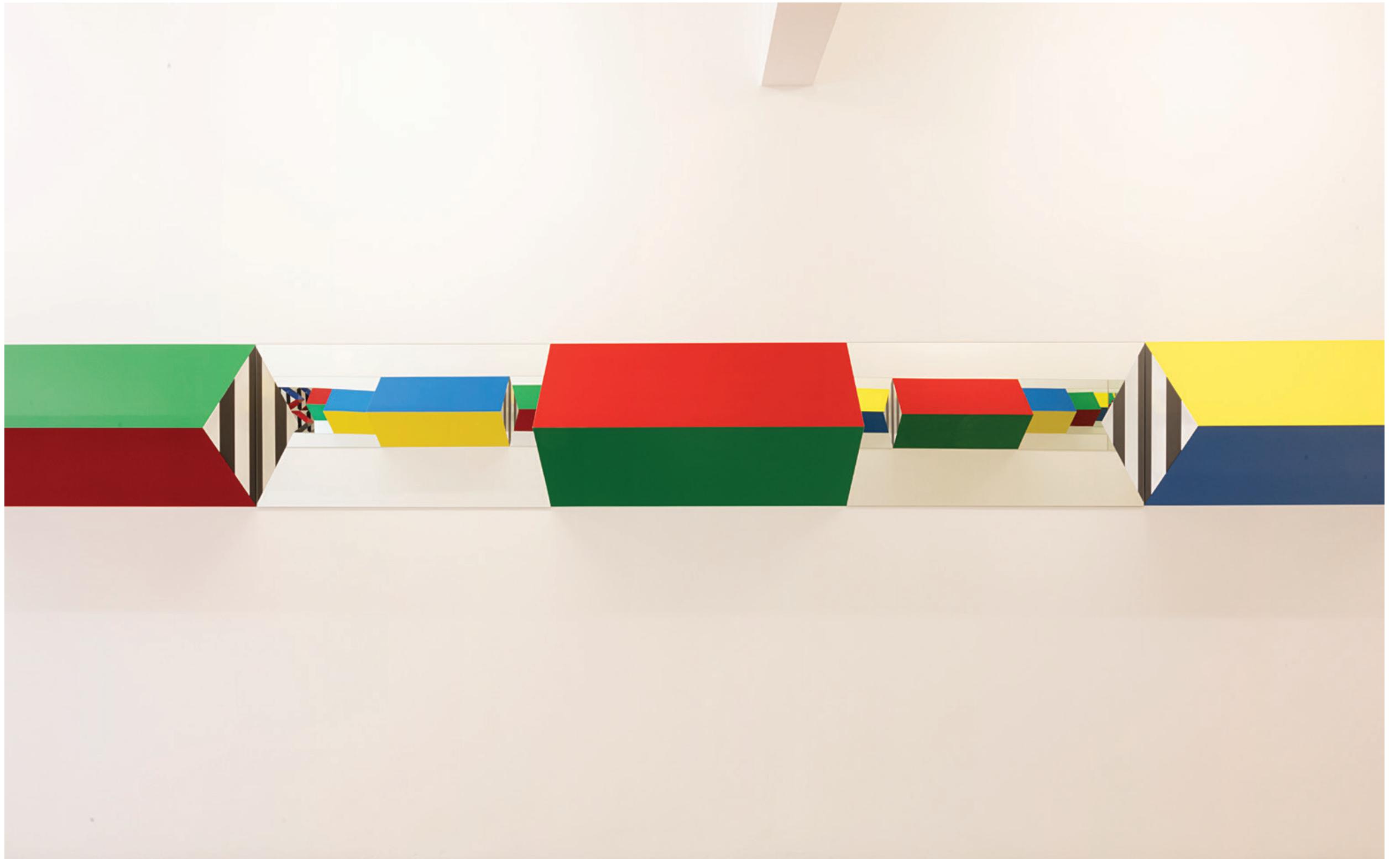
nara roesler

prismas, cores, e espelhos:  
alto-relevo > trabalhos situados



vista da exposição - galeria nara roesler | são paulo, 2017













**Prismas, Cores e Espelhos:**

**Alto-Relevo > Trabalhos Situados**

é um projeto de Daniel Buren especialmente criado para a galeria, onde o artista dialoga com a arquitetura existente e a transforma com seus módulos geométricos gigantes, simetricamente dispostos, feitos de madeira, espelho e laca, resultando em um espectro cromático que coexiste com suas icônicas listras alternadas.

**prismas e espelhos, alto relevos, trabalhos situados 2016/2017 para são paulo, 2016/2017**  
madeira, cola, laca, espelho e adesivo vinil  
200 x 200 cm

**prismas e espelhos, alto relevos, trabalhos  
situados 2016/2017 para são paulo, 2016/2017**  
madeira, cola, laca, espelho e adesivo vinil  
394,5 x 236,7 cm





**prismas e espelhos, alto relevos, trabalhos  
situados 2016/2017 para são paulo, 2016/2017**  
madeira, cola, laca, espelho e adesivo vinil  
225 x 135 cm

**prismas e espelhos, alto relevos, trabalhos  
situados 2016/2017 para são paulo, 2016/2017**  
madeira, cola, laca, espelho e adesivo vinil  
300 x 300 cm





**prismas e espelhos, alto relevos, trabalhos situados 2016/2017 para são paulo, 2016/2017**  
madeira, cola, laca, espelho e adesivo vinil  
150 x 150 cm



**prismas e espelhos, alto relevos, trabalhos situados 2016/2017 para são paulo, 2016/2017**  
madeira, cola, laca, espelho e adesivo vinil  
150 x 150 cm



**prismas e espelhos, alto relevos, trabalhos  
situados 2016/2017 para são paulo, 2016/2017**  
madeira, cola, laca, espelho e adesivo vinil  
150 x 150 cm

## Sobre Daniel Buren

Daniel Buren (n. em 1938, em Boulogne-Billancourt, França)

Depois de frequentar a Ecole des Métiers d'Art entre 1957 e 1960 e de passar um curto período estudando na Ecole Nationale Supérieure des Beaux-Arts, no início de sua carreira artística, Daniel Buren conduziu uma série de experimentos situados no limite entre pintura, escultura e cinema. Depois de produzir suas primeiras obras pictóricas, em 1960, logo adotou uma economia de meios que já revelava uma neutralização dos aspectos ilusionistas da pintura e uma indiferença com relação ao sujeito narrativo, temas centrais de sua obra. Em setembro de 1965, Buren passou a utilizar tecido de cortinas listradas, cujos componentes se tornariam a base de sua sintaxe artística – listras verticais brancas e coloridas alternadas, com 8,7 cm de largura cada. Esses desenhos produzidos industrialmente atenderam perfeitamente a seu desejo por objetividade e permitiram que acentuasse a natureza impessoal de seu trabalho, ainda que inicialmente os empregasse apenas como suporte. Após sua experiência com Olivier Mosset, Michel Parmentier e Niele Toroni, em 1966 e 1967, baseada na repetição sistemática de um tema e no desejo de cada artista de realizar a 'última pintura' a seu próprio modo, Buren passou a investigar as possibilidades das listras como signo, distanciando-se da pintura-objeto a que denominava 'utensílio visual'.

Em novembro de 1967, Buren começou a imprimir papel listrado. Os pôsteres e papéis pintados permitiram a ele cobrir uma grande variedade de superfícies de maneiras praticamente infinitas. Até hoje, a rua é um de seus espaços preferidos. Buren criou o conceito de 'in situ' no campo das artes plásticas para caracterizar uma prática intrinsecamente ligada às especificidades topológicas e culturais dos locais onde suas obras eram apresentadas. Sua individual no Apollinaire, em Milão, 1968 e sua participação nos eventos internacionais Prospect, em 1968 e 1969 em Düsseldorf, marcaram o verdadeiro advento de sua celebridade artística. Na década de 1970, passou a mostrar seus trabalhos em museus, muitos deles fora da França, e em exposições que o incluíam no rol da arte conceitual. Neste mesmo período, passou a utilizar suportes os mais variados – paredes, portas, quadros negros, papel e tela sob vidro, em escadarias, trens, navios, na forma de bandeiras nos telhados de Paris, nos coletes de atendentes de museu etc. Buren era um excelente tema de conversas e gerou controvérsia em 1971, na 5ª Exposição Internacional do Solomon Guggenheim Museum em Nova York, e em 1972, na celebrada Documenta V, organizada por Harald Szeemann.

As mudanças políticas da década de 1980 possibilitaram a Buren ocupar espaços públicos de uma forma menos efêmera, e o artista passou a produzir obras permanentes, a primeira e talvez a mais celebrada das quais foi Les Deux Plateaux (1985–1986), no Palais-Royal. Em 1986, recebeu prêmio Leone d'Oro de melhor pavilhão na Bienal de Veneza. Daniel Buren logo se voltou à influência crescente da arquitetura (principalmente dos museus) na arte.

Passou a criar mais obras tridimensionais e a conceber seu trabalho não mais como objeto, e sim como modulação do espaço. Em 1975, produziu sua primeira *Cabane Eclatée*. Até certo ponto, aquele foi um ponto de inflexão, acentuando a interdependência entre a obra e o local onde se situa, por meio de uma interação sutil entre construção e desconstrução. A obra em si tornou-se um lugar de movimento e deslocamento.

Suas obras mais recentes são instrumentos arquitetônicos cada vez mais complexos, que dialogam constantemente com a arquitetura existente e envolvem a alteração do espaço, a multiplicação lúdica de materiais (madeira, vinil, materiais plásticos, grades) e a explosão de cor. A partir da década de 1990, a cor já não era aplicada apenas às paredes, mas literalmente 'instalada no espaço' na forma de filtros e de placas coloridas de vidro ou acrílico. A impressão resultante de explosão da obra de arte, acentuada pela utilização de espelhos, convida à mudança não só do olhar, mas de todo o corpo. Essa multiplicação do espaço também entra em cena em *Il soffitto arlecchino*, uma instalação que se impõe e se insinua sobre todo o espaço, alterando tanto a percepção quanto os pontos de referência habituais. O espectador se desloca por uma floresta geométrica, um espaço visualmente duplicado por seu próprio reflexo, cuja extensão labiríntica é desnorteante. Ao mesmo tempo, a dilatação do espaço é contida pelo teto baixo transparente, que lança farpas de luz colorida sobre todas as superfícies. O rigor da linguagem artística se abre à delicadeza pictórica da cor, e a junção desses dois elementos cria uma atmosfera permeada por uma intimidade envolvente. Isso proporciona pontos de vista em mutação e perspectivas geométricas que se perseguem no espaço.

Daniel Buren já produziu milhares de instalações in situ no mundo todo. Em sua maioria, são destruídas após serem apresentadas, logo não existem fora do tempo e do espaço para os quais foram concebidas. No entanto, também há um importante corpo de obras permanentes nas coleções dos principais museus do mundo, e é surpreendente ver como tamanha economia de meios deu origem a um trabalho tão rico e complexo.

